

O Problema da Civilização dos Índios

CEL. VICENTE DE PAULO T. F. VASCONCELOS
Diretor do Serviço de Proteção aos Índios

"Os meios de que se deve lançar mão para a pronta e sucessiva civilização dos índios e que a experiência e a razão me têm ensinado, eu os vou propor aos representantes da Nação e são os seguintes :

1.º — *Justiça*, não esbulhando mais os índios, pela força, das terras que ainda lhes restam e de que são legítimos senhores.

2.º — *Brandura, constancia e sofrimento* de nossa parte, que nos cumpre como a *usurpadores e christãos*" (José Bonifácio, nos *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil*, que apresentou à Constituinte em 1.º de julho de 1823).

Os fatos que vamos narrar mostram como o Serviço de Proteção aos Índios retomou e cumpre essencialmente o programa do Patriarca ; mostram ainda que os desastres ocorridos no trato com os índios são sempre devidos ao afastamento dos princípios do imortal Estadista patricio : invasão das terras habitadas pelas tribus, violência às pessoas dos índios e, sobretudo, falta de *brandura constância e sofrimento* da parte dos que se põem a tratar com eles, de sobra comprovada nos revides crudelíssimos de que foram vítimas os selvícolas que se opuseram ou resistiram, com alguma violência, à ação dos catequistas que "espontaneamente" os foram procurar nas matas, onde muitas vezes viviam tranquilos e felizes.

Mostraremos alguns desses casos e, em seguida, o modo de ação do Serviço de Proteção aos Índios e algumas ocorrências que esclarecem a situação especial desse Serviço no quadro da nossa administração, a exigir, também, dispositivos especiais que lhe permitam atender, com facilidade e eficiência, à solução do problema que lhe foi confiado, por sua natureza já bastante difícil.

No município de Barra do Corda, no Estado do Maranhão, a população indígena está bem representada nos seus tipos principais : Tupi e Gê. São Tupis os Guajajaras habitantes da região da mata do citado município, à margem do Mearim, acima da cidade da Barra do Corda. São Gês os Canelas, que se localizam ao Sul daquela povoação, na encosta do chapadão do Alpercatas, um terreno de vegetação classificada entre cerrados e campos. Todos eles são "mansos".

O professor Silvio Fróes Abreu, nesse livro extraordinário, não só pela técnica como pela brasilidade e sentimento humano, "Na terra das Palmeiras", apresentado ao nosso público pelo eminente professor Roquette Pinto, relata o seguinte fato, cheio de ensinamentos muito úteis de serem recordados nesta hora em que, com o renascimento do Serviço de Proteção aos Índios, surgem tantos projetos sobre a civilização dos indígenas.

"As trágicas e lamentáveis ocorrências que se desenrolaram no estabelecimento de catequese do Alto Alegre, ainda hoje impressionam profundamente o povo maranhense.

"Quando alguém fala nos índios da Barra do Corda vem logo à mente a lem-

brança do assassinio dos frades, freiras e meninos cristãos, pelos índios Guajajaras das aldeias próximas àquela cidade.

"Sempre se descreve a carnificina falando somente dos mortos cristãos, sem a mais leve menção ao massacre que estes, em represália, fizeram aos índios. Também nunca mencionam as verdadeiras causas que deram origem ao lutuoso fato, causas que atenuam sobremodo e, até certo ponto, justificam o levante dos índios contra os frades.

"Daí a maioria das pessoas que leem, e o público que conhece por tradição o lastimável acontecimento, terem sempre para com os índios Guajajaras um gesto de antipatia e desconfiança, esquecendo-se de que, em dias passados, nós — os civilizados — os repelimos a bala. No próprio Maranhão chegamos a extinguir tribus inteiras...

"Nos dias que correm, só aparecem em transmissões telegráficas, notícias de assaltos e massacres praticados pelos Urubús; nada acêrca das caçadas humanas que, de quando em quando, praticam os civilizados no oeste maranhense.

"Daí o conceito errado acêrca da ferocidade dos índios.

"A tragédia do Alto Alegre é um exemplo recente de quanto é delicado o problema da civilização dos indígenas.

"A transformação por que tem de passar o homem que, ha séculos incontáveis, se rege por costumes tão diferentes dos nossos, só pode ser realizada muito lentamente.

"O desastre do Alto Alegre foi uma reação violenta contra os hábitos que se queria impor da noite para o dia. O massacre dos frades não deve ser considerado uma manifestação de selvageria, mas um exemplo das consequências funestas duma obra de catequese por estrangeiros que desconheciam a psicologia indígena.

"O fato pode resumir-se em poucas palavras.

"Tangido pelos mais sublimes sentimentos, um frade capucho, frei José de Loro, iniciou a catequese dos índios Guajajaras, do município de Barra do Corda. Ia às aldeias, levava presentes e tratava os índios com um carinho paternal, conseguin-

do assim a simpatia de quasi todos. Animados pelos sucessos de frei José, os capuchos italianos imaginaram construir um estabelecimento no imo dos sertões maranhenses para servir de ponto de apoio às futuras missões que se internassem por aquelas brenhas, para trazer à civilização toda a gente que ali vivia como animais selvagens.

"Escolheram um sítio distante cêrca de 12 léguas (72 km) da cidade da Barra do Corda, e com o prestimoso concurso dos índios, construíram aí um grande estabelecimento, cercado de roças e pomares.

"Esse lugar denominado Alto Alegre — alto onde as alegrias foram efêmeras — é hoje abandonado por todos, invadido pelo mato e só recorda tristezas.

"O programa dos frades era grandioso e de inestimáveis benefícios à causa indígena. O próprio Governo da República, naqueles tempos tão antipático à religião, concedeu aos capuchinhos auxílios monetários para a manutenção de escolas para selvagens e civilizados.

"Sob a direção de frei Carlos de São Martinho, em 1894, iniciou-se um novo período de atividade evangélica.

"Em 1895, funda-se a colônia do Alto Alegre, que se desenvolve com rapidez espantosa.

"O estabelecimento enche-se de filhos de selvagens, entregues aos frades para educação e também vão para lá civilizados de ambos os sexos, pois era o único estabelecimento de educação naquelas regiões.

"Cêrca de seis anos depois, dá-se um levante dos índios Guajajaras.

"Na manhã de 13 de março de 1901, um bando de selvagens, insinuados pelo índio cristianizado João Caboré, acomete os religiosos e, ao amanhecer, quando estavam todos reunidos na capela, matam a bala, a flexa e a pau, freiras, frades e educandos, filhos de famílias cristãs.

"Os frades e todos quantos lhes são afeiçoados atribuem o levante às insinuações dos civilizados, que se viam inibidos de continuar a explorar os índios, como até então. Invejosos da grande obra que religiosos iam realizando e ainda prejudicados em seus interesses, acharam que o

meio mais fácil de eliminar os frades seria intrigá-los com os índios.

"Ha quem pense de modo diferente, atribuindo a causa do levante à inhabilitade dos catequistas, que, faltos de sentimentos indispensáveis a quem trata com os índios — paciência evangélica e bondade paternal — crearam, com seus próprios atos, o martírio a que sucumbiram.

"Animados pela submissão dos índios, que lhes entregavam os filhos pequenos e os ajudavam muito, trabalhando nas roças do estabelecimento, tirando lenha e madeira nos matos, plantando roças, fazendo farinha — os frades foram, talvez, insensivelmente, passando a um regime de prepotência.

"Começaram cedo as rugas entre índios e frades.

"Êstes por intermédio dos índios cristianizados que se mostravam mais leais, retiravam dos braços das mães as crianças ainda novas. E' o que contam moradores de Barra do Corda e os próprios índios velhos, que foram testemunhas das trágicas ocorrências.

"Dizem que houve índias que enlouqueceram, entrando pelos matos, chorando a perda dos filhos que os frades enclausuravam no convento e nunca mais apresentavam aos pais.

"Muitas racharam os peitos, dizem os índios, porque os frades levaram culumizinhos que ainda mamavam. Referiu-me um que seu pai mudou-se dali para a mata do Pindaré para que os frades lhe não tomassem seus filhos.

"Parece que havia pressão sobre os índios, na ânsia de obter grande número de crianças no convento. Fosse pelo desejo de dar luzes ao grande número de almas, fosse porque a subvenção oficial seria proporcional ao número de educandos, o fato é que a catequese estava descontentando os índios, mesmo aqueles que voluntariamente levavam seus filhos ao convento, porque, quando daí a dias queriam levá-los novamente à aldeia, os frades opunham-se a isso.

"Compreende-se muito bem a atitude do índio. Quando lhe diziam que a educação faria a felicidade dos filhos, entre-

gavam-nos aos frades; mas, horas depois, sentindo a falta do ente querido, iam ao convento buscá-los para passar dias na aldeia.

"O mesmo fazem muitos pais civilizados. Que digam os diretores de internatos.

"Outro assunto que descontentou os Guajajaras foi a guerra à poligamia. Parece que essa campanha caracterizou-se pela violência, porque é voz corrente entre os índios veteranos do Alto Alegre que João Caboré foi amarrado "como macaco", isto é, com os braços para traz e surrado, só porque fizera voto de só ter uma esposa — aquela com quem fôra casado pelos frades — e tinha muitas outras na aldeia... Caboré, depois de apanhar muito, segundo informaram, saiu manso, sem dizer cousa alguma, percorreu todas as aldeias da vizinhança contando o ocorrido e espalhando que todos que tivessem muitas mulheres iam ter a mesma sorte.

"Os frades queriam que só tivessem uma mulher, e os filhos de Tantehara (é o nome da tribo) teriam de ir todos para o convento para serem ensinados e nunca mais voltarem para a aldeia.

"Quantos o ouviram ficaram indignados.

"Combinaram com João Caboré o modo de se livrarem daquela sujeição. Só se lhes afigurou uma medida — matar os frades.

"Ficou, então, estabelecido com os chefes de aldeias que, numa determinada época, todos se reuniram para arrazar o Alto Alegre. Houve muitos delatores, mulheres principalmente, que tudo contaram aos frades.

"Êsses não acreditavam no ataque e, ao que parece, nenhuma providência tomaram.

"O fato é que numa madrugada estava numeroso bando de Guajajaras sitiando o Alto Alegre; por ocasião da missa fizeram o massacre matando frades, freiras e educandos que não eram índios. Matavam como podiam, a flexa, a pau, a facão, e só respeitavam as crianças Guajajaras.

"Alguns puderam fugir, correndo à Barra do Corda e avisando a população

de que os índios guerreiros pretendiam ir até lá. De fato, o programa dos índios era radical: destruir o Alto Alegre e depois acabar com os civilizados que infestavam o sertão maranhense.

"Queriam matar todos para poderem viver socegados em suas terras, livres da opressão civilizadora. Os habitantes da Barra do Corda, sentindo-se com pouco recurso, correram a chamar os índios Canelas, inimigos dos Guajajaras, para com eles dar combate aos assaltantes do Alto Alegre. Civilizados, auxiliados por um grupo numeroso de Canelas, marcharam contra o Alto Alegre, onde muita gente armada travava combate com os índios. Havia grande morticínio de índios pela superioridade de armas dos civilizados. Com a aproximação dos Canelas, os Guajajaras fugiram aterrorizados, embrenhando-se pelas matas do Grajahú e do Pindaré. Levaram consigo uma menina chamada Perpétua, de quem, ainda hoje, tanto se fala no Maranhão.

"Dizem que essa menina foi respeitada pelos índios que a levaram para as matas; lá viveu muito tempo, na condição de selvagem, casada com um principal.

"Houve quem dissesse ter visto, num tronco, nas matas, a inscrição — Ainda estou viva — a infeliz Perpetinha. — Aparecem, então, as notícias mais extravagantes sobre a vida da "escrava branca", e as moças, quando veem um índio, manifestam ódio à raça, lembrando-se da "infeliz Perpetinha".

"Quem, como eu, ouviu os frades franciscanos, ouviu pessoas que assistiram ao desenrolar dos fatos e ouviu índios que tomaram parte no movimento, dispõe de dados, talvez suficientes, para fazer juízo um tanto perfeito do ocorrido.

"Confrontando os fatos, parece-me evidente que a causa principal dessa lamentável tragédia foi a inhabilidade dos catequistas, que no alvorecer do século XX empregaram métodos que, ha dois séculos atrás, se haviam mostrado ineficazes e contraproducentes.

"Na missão do Alto Alegre, foram esquecidos certos princípios que José Boni-

fácio reputara essenciais na civilização dos índios.

"Os catequistas não os trataram com a devida brandura e suavidade, não levaram em conta a brutalidade de suas almas e por isso sacrificaram vidas preciosas, e acirram ainda mais o ódio dos indígenas".

Caso em tudo semelhante se deu entre os índios Pogichás e os missionários também italianos que se encarregaram de sua catequese. Eram êsses, como os Guajajaras de que acabamos de nos ocupar, índios mansos e moravam tranquilos nas proximidades de Filadélfia, Estado de Minas, enquanto viveu Teófilo Otóni que os estimava e protegia.

A desavença deles com os catequistas se deu em 1893 e ao massacre de alguns frades sucedeu o quasi extermínio da tribo. Um dos seus representantes que, na fuga, atravessando a mata, conseguiu chegar a S. Mateus, narrava os motivos da revolta: tomada de crianças índias, imposição de trabalhos pesados e mais cousas a que não estavam habituados, repetindo, como estribilho "Padre mestre é muito mau". Como se vê, ainda aqui foram esquecidos os princípios de José Bonifácio. A falta de brandura produziu a revolta dos índios, não havia constância no desêjo de servi-los que se transformou em rancor diante da agressão, e a incapacidade para o sofrimento determinou o cruel revide e a quasi extinção dos pobres selvícolas.

Êsses acontecimentos duplamente horríveis, um dos quais tão bem narrado nas linhas transcritas pelo ilustre etnólogo patricio, e o outro superiormente tratado pelo venerando Sr. José Mariano de Oliveira, engenheiro que, no serviço de sua profissão, conheceu e lidou com os Pogichás, em carta de 9 de junho de 1893, ao "Jornal do Comércio", concitando o Governo à criação de um Serviço que protegesse aos índios, foram consequências do sistema que infelizmente vemos ainda aplicado no Brasil e louvado como obra meritória pelos que se metem a tratar da cousa indígena sem conhecer-lhe a história, nem aprofundar-lhe os resultados. Contra as intervenções na organização das tribus e da Família indígena e a segregação dos filhos nos internatos, para perderem os costumes e ingênuas crenças de sua gente, os índios reagem sempre que podem, ou violenta-

mente, de acôrdo com a sua mentalidade guerreira como fizeram os Guajajaras e Pogichás, ou pela fuga quando se sentem fracos e nessa fuga podem levar os filhos, libertando-os dos seus "educadores". Si nada disso conseguem, submetem-se desolados, mas se apatizam, tornando-se indiferentes a tudo, característicos bem conhecidos dos índios catequizados. Veja-se sôbre êsse assunto a carta do General Couto de Magalhães a Joaquim Serra, anexa ao "Selvagem" conhecido livro dêsse General. Foi certamente por essa experiência que a lei Wheeber-Howard, norte-americana, coíbio essas intromissões, inclusive o internato para menores índios com separação de suas Famílias, reduzindo também ao mínimo a ação do Govêrno em assunto da natureza interna das tribus. O nosso Serviço de Proteção aos Índios teve, desde sua fundação, entre as suas obrigações regulamentares a seguinte: "fazer respeitar a organização interna das diversas tribus, sua independência, seus hábitos e instituições, não intervindo para alterá-los sinão com brandura e consultando sempre a vontade dos respectivos chefes" (n.º 4 do art.º 2.º do Regulamento). A ação do S. P. I., insistimos nesse esclarecimento, reduz-se à proteção da vida, situação e propriedade dos índios, a fornecer-lhes os auxílios que carecerem para o encaminhamento de sua evolução cultural, tratamento de moléstias, etc., facultando-lhes, por meios suasórios, os ensinamentos práticos e teóricos ao alcance deles e que espontaneamente queiram aceitar. Em assunto espiritual, o S. P. I., como se sabe, não intervem absolutamente, permitindo, no entanto, que os Sacerdotes de qualquer religião o façam, por conta própria, desde que não perturbem os trabalhos e a ação do dito Serviço. A segurança em que os índios passam a viver, mediante a ação do S. P. I., o espírito de imitação e as novas necessidades que a observação dos civilizados dão nascimento, completam aos poucos a assimilação pelos selvícolas dos hábitos comuns da nossa vida social e a adoção da nossa atividade agrícola ou pastoril e mesmo industrial, indispensável para a satisfação das necessidades, consequência daqueles novos hábitos e de novas aspirações.

Como fator importante na civilização dos índios deve-se levar em consideração também o seu imenso desejo de agradar e cooperar quando se sentem amados e respeitados; o General Rondon que o diga.

Nenhuma ação ou imposição para mudança de suas crenças e do seu sistema de vida exerce o S. P. I., salvo casos especiais e raros de usos anti-higiênicos crueis ou imorais, nesses últimos não estando incluído, é claro, a poligamia. O sacrifício de crianças para atender a sonhos ou predições de barris (pagés dos bororós) o S. P. I., tem corrigido ou, pelo menos, evitado entre os índios.

Atingindo o índio a certo ponto de sua evolução adota por completo o ritmo de nossa vida, indo de boa vontade à escola, às oficinas e aos campos de ensino o que antes não fazia por desconhecer-lhes as vantagens. Nesse ponto a sua incorporação é definitiva embora mantenha as crenças de sua tribu, que geralmente não os incompatibilizam com as modalidades da nossa organização social. Ha índios excelentes soldados e funcionários que na época própria pedem licença ou férias para irem tomar parte nos retiros e cerimônias de sua tribu. O que se dá nesses retiros e cerimônias é muito honroso para os índios, pois neles imperam geralmente a benevolência e a pureza. Aliás os índios são muito respeitadores da honra das mulheres, mesmo das dos seus inimigos. Podem matá-las, mas nunca as desrespeitam ou profanam. O caso da "infeliz Perpetinha", tão lembrado no Maranhão, será lendário talvez, mas temos na vigência do S. P. I., um caso real de respeito dos índios pelas senhoras, suas prisioneiras, que os sobreleva de muito; é o seguinte:

O Coronel Cornélio Chaves, do rio Javari, no Amazonas, era um cruel perseguidor de índios Cunibás, a quem tomava terras e matava gente. Num revide, êsses índios levaram o melhor, matando o dito Coronel e sua esposa. Pouparam, porém, as cinco filhas do casal, levando-as para o mato. O Serviço de Proteção aos Índios foi chamado a acudir e conseguiu, depois de dois meses de inenarráveis trabalhos, descobrir e atrair os índios e libertar as cinco moças, "as quais durante todo êsse tempo — diga-se em abono do aborígene — haviam sido tratadas com respeito, atenções e delicadezas que certamente não teriam encontrado si no lugar dos Cunibás houvessem estado os civilizados daquelas bandas.

Da ação apenas protetora e leiga do Serviço de Proteção aos Índios, embora ela se tenha dado até aqui na proporção, dos recursos limitadíssimos de que êsse Serviço pode dispor, o escritor ini-

cialmente citado, no aludido livro, dá a seguinte notícia :

"A animosidade dos sertanejos do Maranhão para com os índios — verdadeiros donos da terra — patentea-se a todo momento. Essas manifestações, hoje, estão muito atenuadas, graças ao Serviço de Proteção aos Índios que, si não exerce no Maranhão uma atividade que satisfaça exatamente às exigências, ao menos preserva os índios de massacres e extorsões da parte dos civilizados. O Serviço de Vigilância e amparo aos índios de Barra do Corda já é bem útil. Em Barra do Corda, ninguém maltrata um índio, porque tem respeito ao encarregado da vigilância. Quando não havia, como agora, essa proteção à vida do índio, davam-se fatos lamentáveis.

"E' muito conhecido o caso dos índios da aldeia Chinela. Era uma aldeia que reunia grande número de índios Canelas, nômades e dados à caça, como todos de sua nação. Um fazendeiro, de origem cearense, fôra estabelecer-se nos campos próximos à chapada do Alpercatas e lá desenvolvia a criação de gado nas terras devolutas.

"O gado, completamente solto, espalhava-se por toda aquela redondeza.

"Os índios, esfaimados, caçavam por ali. A caça ia aos poucos rareando e a necessidade de alimentação não diminuía, de modo que os índios, naturalmente, passaram a incluir bois e bezerros no seu programa de caça. Cada boi caçado era pago com insultos, pancadas e mesmo a vida de alguns Canelas.

"O índio comia um boi, o fazendeiro matava um índio.

"Era êsse o regime ha pouco mais de 13 anos (a obra foi escrita em 1931).

"Certo dia os tais Arrudas reuniram para mais de 100 Canelas em sua fazenda, para tomarem parte numa festa onde havia muita cachaça ; depois de embriagá-los, caíram sobre eles sem deixar um só vivo.

"Foi uma chacina muito mais bárbara que a do Alto Alegre.

"Aquele foi uma explosão do amor pelos filhos e uma reação em defesa da poligamia — hábito estabelecido ha tempos

incontáveis. — Esta foi um ato de barbaria, motivado pela perda de bois que estranhos vieram criar em terras já ocupadas pelos índios.

"Nos sertões maranhenses todos sabem dêsse fato ; no entanto, na Capital e fora do Estado, só ecoam as notícias do Alto Alegre, devidamente deturpadas para afastar qualquer argumento em defesa dos índios.

"Acêrca dos massacres que têm havido na zona do Pindaré, também nunca se passam telegramas para a capital ; só ha notícias de índios quando um civilizado sofreu qualquer ataque. No caso inverso não se levanta uma voz, não se transmite uma notícia".

"Os massacres e as lutas encarniçadas entre os índios e os sertanejos maranhenses terminaram com a atuação do Serviço de Proteção aos Índios, no Maranhão.

"Por mais fundamentados que sejam os argumentos apresentados contra aquele Serviço, no que diz respeito à pouca operosidade de alguns funcionários, é negavel que sua atuação em favor da causa indígena é digna dos mais justos louvores.

"Numa viagem feita simplesmente com carater de estudo, livre de qualquer influência dos dirigentes daquele Serviço, pude verificar — o que está ao alcance de qualquer observador que se dê ao incômodo de chegar até o alto sertão — que o Serviço de Proteção, na zona de Barra do Corda, exerce uma ação muito acentuada em benefício dos restos da população indígena que por lá vive.

"Com recursos muito deficientes, o Posto de Vigilância da Barra do Corda pouca ação material exerce ; mas somente o fato de existir lá um funcionário encarregado de zelar pela causa indígena basta para crear no ambiente um grande respeito à vida e à liberdade do índio.

"Por lá, ninguém mais tem índios como escravos nem os trata como animais, embora se descubra na alma de cada sertanejo um ódio insopitavel ao irmão um pouco mais selvagem.

"O conforto moral que o Serviço leva aos índios e a confiança que eles depõem nos encarregados do Posto, valem muito para minorar as agruras de quem passa uma vida primitiva, num ambiente ingrato, entre gente hostil.

"A obra do Serviço de Proteção só pode ser compreendida por quem já se atirou aos sertões longínquos e sentiu a abnegação de alguns funcionários que, longe das capitais, sem alarde, sem prêmios aos seus méritos, praticam obra verdadeiramente religiosa".

São palavras insuspeitas de um cientista sem ligações com o S. P. I., mas amigo dos índios, que vem contar ao público leitor da nossa terra o que viu em um pedaço do sertão brasileiro, onde muito pouca gente vai, por ele percorrido em estudo que interessa ao progresso do Brasil. Soube das atrocidades praticadas contra os índios antes da ação do S. P. I., naquelas paragens e constatou a relativa segurança em que os selvícolas vivem depois que esse Serviço, embora com recursos muito limitados, iniciou os seus trabalhos.

Por todo o Brasil ocorre a mesma cousa. Em número anterior desta "Revista" consta a narrativa de uma inspeção feita às fronteiras do oeste pelo General Basílio Taborda, que encontrou naquele extremo mais afastado do nosso País o Posto de Atração e Vigilância "Ricardo Franco", onde os Morês e outros índios da região, tranquilos e já pacificados, se nacionalizam para o Brasil, numa fase de pre-incorporação que não ha de tardar. E' a ação fronteira do Serviço de Proteção aos Índios.

A Repartição dos Índios nos Estados Unidos se distingue pela sua modelar organização, pelos grandes recursos de que pode dispor nas verbas de diversos Ministérios, pela autonomia administrativa que desfruta e, sobretudo, pelo apoio que encontra na alta administração do País, o que traduz a opinião hoje ali dominante de que aos remanescentes dos índios a Nação Americana deve um imenso conforto moral e uma não menor compensação material por tudo quanto a raça indígena sofreu dos antepassados do grande povo.

Entre nós alguma cousa de parecido está presentemente se acentuando.

No entanto, o problema indígena apresenta aqui modalidades que presentemente ali se desconhecem. Referimo-nos à fase de atração (pacificação) que a existência entre nós de tribus guerreiras e hostis nos impõem como ponto de partida normal dos nossos trabalhos, fase justamente em que mais se põe à prova "a paciência, a constância e o "sofrimento" a que se refere José Bonifácio e a que o Serviço de Proteção aos Índios nunca faltou. E' por ela e pela sua ação normalmente sertaneja que o Serviço mais se especializa e distingue dos demais departamentos da administração nacional.

Ao buscar as tribus, o S. P. I. tem sofrido rudes ataques dos índios justamente hostis pelos agravos sofridos no correr da nossa história; e mesmo quando já atraídos, a sua hostilidade facilmente se manifesta, por estarem sempre prontos em recair na desconfiança ancestral que 400 anos de martírios e traições imprimiram em sua alma. Têm sido dolorosos malentendidos e o Serviço de Proteção aos Índios sofre-os, enterra os seus mortos e volta a procurar os atacantes para convencê-los do êrro, sem molestá-los, e para continuar a trabalhar em seu benefício, de acôrdo com o Regulamento que para nós é uma cousa semelhante ao juramento da Bandeira.

Vamos narrar dois casos, entre diversos, para objetivar o assunto e encerrar êste escrito que, como todos os que aqui têm figurado, se destina a dar uma noção exata quanto possível do problema indígena no Brasil e do modo pelo qual a solução dêsse problema está sendo encaminhada pelo órgão da administração a quem o Governo da República atribuiu a função de resolvê-lo.

Os botocudos de Palmas, na região do Contestado, eram bem conhecidos pela audácia com que respondiam aos ataques de que eram vítimas e pela energia com que se opunham à penetração de suas terras. Entre outros, sofreu ataques seus a Comissão Militar Construtora da Estrada Estratégica de Palmas. Em um deles, no acampamento de Pouso Bonito, mataram-lhe os índios nove pessoas, em 1906. Creado o S. P. I. em 1910, foi-lhe cometido, como urgente, o encargo de atrair (pacificar na linguagem corrente) êsses índios. Não vamos descrever as peripécias, ver-

dadeiras operações militares de um gênero novo, em que o "inimigo" é procurado e cercado por todos os lados com brindes e agrados e responde a flechas e a tacape, até que um dia acha graça no jogo e se aproxima, muita vez depois de ter liquidado alguns dos seus importunos obsequiadores.

Feita nessas condições a atração dos botocudos, passaram eles a frequentar diariamente o Posto do Rincão do Tigre, de onde as operações de sua atração se tinham irradiado. Ia tudo muito bem, vivendo índios e empregados no S. P. I. na maior fraternidade. O encarregado do Posto, Fioravante Esperança, era um gaúcho valente como as armas e devotadíssimo aos seus deveres — um verdadeiro Pai para os selvícolas. Mas um dia o Posto foi visitado por dois fazendeiros, um dos quais, Cândido Mendes, tomara parte em anteriores ataques aos índios; estes, muito fisionomistas, o reconheceram.

Os visitantes chegaram à hora do almoço e tomaram parte na refeição que estava à mesa. Quem come junto é aliado e irmão — Canquê — na regra social dos botocudos. Portanto, os empregados do Posto deviam ser como aquele fazendeiro, inimigos dos índios! E tudo que até então tinham esses empregados feito para agradar aos índios e beneficiá-los, deveria ser traição! Num momento resolveram liquidar o assunto. Ardilosamente desarmaram os visitantes, os quais, pelo que sabiam sobre a pacificação dos seus antigos desafetos, estavam inteiramente tranquilos e não se opuseram ao exame que os índios, com mostras de curiosidade, desejavam fazer nas suas armas.

Em seguida caíram sobre os visitantes, massacrando-os e também aos empregados do Posto. Fioravante, rudemente atacado, defendia-se das cacetadas com os braços robustíssimos, sempre de frente, procurando chamar os índios à razão. Foi recuando até o mastro da bandeira brasileira, que diariamente se hasteava no Posto; e aí o seu cadaver foi encontrado mais tarde, tendo no cinto o seu revólver com todas as balas intactas. Caiu fiel à divisa do Serviço de Proteção aos Índios: "morrer se necessário fôr, matar nunca". No seu último retrato ele figura tendo ao colo um índiozinho, e o seu desconforto e tristeza ao ver-se assim tão injustamente agredido pelos selvícolas a quem tanto se devotara deve ter sido o mesmo de Júlio Cesar ao ver Brutus entre os seus assaltantes.

Dêsse massacre só se salvou o cozinheiro, que, de começo, assistiu da cozinha, afastado e apateado pelo inesperado dos acontecimentos, a toda horrível cena, e, muito agíl, ao receber a primeira pancada, saltou para o mato e fugiu. Contra ele os índios atiraram os cães muito ensinados que sempre os acompanhavam, ferocíssimos ao cumprir as suas ordens de ataque.

Ocupados em destruir o que ainda restava do Posto, não o perseguiram, certos de que as suas feras ensinadas despedaçariam o fugitivo. Mas o cozinheiro havia dado aos cães muito resto de comida e eles se lembraram disso, perseguindo-o só na aparência. Eles foram mais lógicos e mais constantes que os homens! E, graças a isso, o cozinheiro salvou-se, para contar a tragédia e o martírio dos seus companheiros.

Os fazendeiros sacrificados eram pessoas influentes na política, com numerosos parentes e aderentes, que juraram vingança. Os índios, completa a destruição, internaram-se na mata e se afastaram. O S. P. I. envolvido no mesmo rancor dos civilizados aos índios, viu-se entre dois fogos: de um lado os selvícolas tornados seus inimigos por supô-lo irmão dos civilizados, seus antigos perseguidores, e do outro lado esses civilizados que pretendiam, por vingança, exterminar os selvícolas, o que o Serviço de Proteção aos Índios não podia permitir. Colocados entre a flexa dos aborígenes e as carabinas dos capangas alvoroçados, os serventuários do Serviço fizeram frente a ambos; aos civilizados discutindo, ensinando, demonstrando e, como última razão, opondo, arma a arma; aos índios, indo novamente ao seu encontro, afrontando, como se deve imaginar, aos maiores perigos no imo da mata. E, após longos meses de arriscadíssimas aproximações (não esquecer os cães), conseguindo pacificá-los de novo; mas afastando-os daqueles sítios de tão tristes recordações e tão perigosos. E os botocudos, embora nunca aludissem ao seu terrível engano, parece que houveram dele profundo arrependimento, tão pacíficos e confiantes depois se mostraram.

Fato quasi idêntico se deu com os Cajabis e Apiacãs atraídos pelo S. P. I. em um Posto do rio Verde, no Norte de Mato Grosso. Apareceu entre os trabalhadores um indivíduo que fôra seringueiro em um barracão que existira nas proximidades do Posto e de onde os ditos índios haviam

sofrido crueis ataques. Vendo entre o nosso pessoal um antigo inimigo, circunstância que ignorávamos, os Cajabis atacaram o Posto, mataram alguns empregados e feriram outros, inclusive o encarregado, retirando-se em seguida para o rio Teles Pires. O Serviço de Proteção aos Índios os acompanhou, transferindo do Rio Verde para o Teles Pires o Posto de Atração.

Foram novamente atraídos, mas a tribu cindira-se em dois grupos hostis entre si, o que o grupo que conosco estava não nos avisou. Em um dia de 1927 seguia uma grande tropa de bois cargueiros do Posto base de Simões Lopes para o aludido Posto do rio Teles Pires; guiavam-na seis homens entre trabalhadores e índios bacaeris.

Surgiu-lhes pela frente um grupo de Cajabis diferentes dos que então frequentavam o Posto e o extermínio dos empregados do S. P. I. inclusive índios Bacaeris, foi completo não escapando ninguém para explicar de como o fato se dera. Só muito tempo depois se veio a saber qual o grupo autor da triste façanha. Era de remanescentes de uma tribu Apiacá massacrada pelos civilizados nos limites de Mato Grosso com o Amazonas, próximo à mesa de rendas daquele Estado, fato êsse muito sabido. O nosso pessoal, mais uma vez, pagou pela culpa dos outros. O Serviço de Proteção aos Índios sofreu mais êsse golpe, mas redobrou de esforços de modo a ter hoje todos os Cajabis e Apiacás em boas relações no Posto José Bezerra, 30 léguas ao Norte do Posto base de Simões Lopes. O pessoal daquele Posto, como de todos os Postos de Atração, têm que ser nume-

roso e estar sempre em forma para, pelo número e disposições, evitar que os índios, ainda na fase de desconfiança, não tentem, por um mal entendido qualquer, o seu aniquilamento. Estes fatos dão bem idéia da situação dos estabelecimentos do Serviço de Proteção aos Índios, isolados nos sertões, afastados de todo o socorro imediato, na difícil e perigosa tarefa de atrair e pacificar os selvícolas, sujeitos a malentendidos como os que acabamos de descrever, podendo a cada momento ser vítimas das atrocidades e perseguições que os civilizados anteriormente hajam exercido contra os índios, vítimas, também, muitas vezes, da política interna das tribus e ainda das intrigas e das incidas dos civilizados, interessados na exploração dos índios. Considere-se tudo e ver-se-á que, como sempre temos exposto, o S. P. I. é um serviço público especial, para o qual faz-se mister legislação adaptada à sua situação, sobretudo quanto à admissão e dispensa do pessoal empregado nos trabalhos do sertão, onde o elemento Pessoal, nas condições de ser utilizado de acôrdo a situação, é raro e mesmo impossível de achar, satisfazendo as exigências que se fazem precisas para outros serviços públicos, com séde nos centros ou próximos dos centros civilizados.

O nosso intuito, narrando êsses casos concretos, é tornar conhecidas as dificuldades do problema indígena tal como se apresenta entre nós, dado o ambiente físico e social em que os trabalhos do Serviço de Proteção aos Índios se processam, para que, levados na merecida consideração, sejam dadas à sua administração as facilidades administrativas que tal problema requer.

POR DUAS RAZÕES SUPREMAS TODO
CIDADÃO BRASILEIRO DEVE COOPERAR
NOS CENSOS NACIONAIS BRASILEIROS:
LEALDADE AO BRASIL E BOA VONTADE
..... PARA CONSIGO MESMO.